

BETAR 2 ARTES LETRAS



Tinta nos Nervos

Uma exposição que visa dar uma perspectiva ampla da criação da banda desenhada portuguesa

DAVID LUCIANO

Nova
Secção
ENTREVISTA
ARQUITECTO
MANUEL TAÍNHA

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Porque há personalidades que merecem destaque pelo trabalho desenvolvido, decidimos entrevistar uma grande figura da arquitectura nacional. Manuel Tainha tem a palavra na nova secção da Artes&Letras, para nos falar um pouco de si e dos seus projectos...

Daqui para a frente tentaremos entrevistar mais personalidades marcantes do panorama arquitectónico português, mas o compromisso de eleger os melhores eventos culturais mantém-se. Este mês, há vários concertos no Coliseu, fado no São Luiz, jazz na Culturgest, uma performance de dança no CCB e as propostas clássicas de António Cabral.

Nas artes, uma mostra inédita sobre os primeiros anos do cinema em Portugal, com 300 objectos e documentos históricos e uma reconstituição de um estúdio e de uma sala de cinema das décadas de 20 e 30, e uma exposição sobre banda desenhada produzida no nosso país. Duas composições portuguesas que não deve deixar de visitar.

No teatro, damos também destaque à produção nacional, com as novas peças de Luís Miguel Cintra e Gonçalo Waddington.

Como habitualmente, apresentamos também as sugestões de Maria João Duarte, para o Porto, e a opinião de Maria do Carmo Vieira e João Coelho, sobre um filme e um álbum musical.

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

EDITORIAL

ENTREVISTA

Nunca fiz nada só para me mostrar; gosto de me reconhecer nas obras que faço e reconheço-me em todas. Fui o melhor que pude ser’.

As palavras são do **Arq. Manuel Taíinha**, o primeiro rosto da nova secção da Artes&Letras. Por Cátia Teixeira



Colaborações Biblioteca de Viseu (em cima) e Politécnico de Tomar



Carlton Palace, em Lisboa



Que características destacaria como mais importantes na relação com os engenheiros da sua equipa de projecto?

A experiência diz-me que o trabalho em grupo não é uma mera justaposição ou soma de competências, de saberes, de personalidades diferentes. É condição necessária que cada parte tenha a capacidade de entender os problemas e os valores que, em cada momento, estão em causa. Por mim, julgo ter essa capacidade, sobretudo em relação às engenharias de estruturas, que mais intimamente se ligam com a arquitectura. E tive a sorte de ter encontrado, ao longo da vida, engenheiros que aceitam o diálogo, com o maior à vontade, e que sabem ‘arregaçar as mangas da camisa’ quando é preciso. É evidente, que no processo de projecto tenha sempre que haver alguém que nunca perca de vista o todo, que é o princípio e o fim de cada projecto. E esse alguém é, naturalmente, o arquitecto que, como tal, tem que saber reconciliar o trabalho das engenharias

em função desse mesmo todo. E já que aqui sou hospede da Artes&Letras, devo dizer que encontrei sempre na BETAR a melhor colaboração; primeiro com o Eng. Veiga de Oliveira e depois com o Eng. José Pedro Venâncio. Bons companheiros de estrada.

E esse entendimento com os engenheiros civis é fundamental...

Sem dúvida. Esse entendimento, direi, essa cumplicidade é uma das coisas que torna o acto de projectar um acto meritório e agradável; mesmo em condições adversas. Projecta-se sempre contra qualquer coisa...

Alexandre Marques Pereira disse, em tempos, que Manuel Taíinha é um dos arquitectos mais completos da história da arquitectura nacional. Reconhece-se nesta descrição?

Eu gostaria de me reconhecer nessa figura que o Alexandre traça de mim. Não o escondo.

Mas não sei. Não vai sem dizer, no entanto, que o viver por dentro o mundo da arquitectura nunca foi para mim uma limitação. Muito pelo contrário, ela deu-me sempre aberturas para outros e variados mundos. Permanentemente, irrevogavelmente. E daí que eu esteja de acordo com Abel Salazar, o médico, quando ele diz que “aquele médico que só se preocupa com a medicina nunca será um bom médico”. Onde se lê médico, leia-se arquitecto. Quanto aos resultados... aí eu serei sempre o pior juiz.

Há uma obra da sua vida?

A obra da minha vida será toda a obra que tenho feito. Tenho sempre a maior relutância em escolher uma. É que, nessa pergunta, sou eu que estou em causa e não as obras. E eu conheço-me mal, conheço-me por choques, de agrado ou desagrado, com a realidade, inclusive com a realidade das obras que faço. Aí não tenho discernimento que chegue para



Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra (DEMUC)

responder, cabalmente, à sua pergunta. Mas creio que não haja mal nenhum nisso.

Se fosse hoje, faria os seus projectos de modo diferente?

Naturalmente que sim. Porque as circunstâncias em que cada projecto acontece variam constantemente. Houve o caso, por exemplo, da escola Professor Herculano de Carvalho, nos Olivais, que foi feita há 30 e tal anos. Quando agora me contrataram para a “reabilitar” e “modernizar”, segundo o programa da Parque Escolar, a concepção geral da escola estava perfeitamente actualizada, pois já então eu via o problema do ensino secundário pelo prisma pelo qual o vêem hoje. Na origem, a escola tinha uma ideia central, bem expressa arquitectonicamente, a qual não deveria ser alterada. E se houve ampliações,

essas fi-las, maioritariamente, num edifício à parte e completamente diferente. Outro caso foi o da pousada de Santa Bárbara, em Oliveira do Hospital, um projecto feito nos anos 50, que foi posto na gaveta pelo governo de então [Oliveira Salazar]. Passados 10 anos, tiraram-no da gaveta para ser executado e, civilizadamente, o Eng. Ferreira da Cunha, do Ministério das Obras Públicas, perguntou-me se eu queria rever o projecto, dado que tinham passado tantos anos. Aceitei e comecei a revê-lo, alterando aqui, ali e acolá, até que, às tantas, me dei conta de que, com isso, eu estava a destruir a coeôrência do projecto. Então fechei o dossiê e decidi que ele seria realizado tal como estava, com todas as fragilidades que pudesse ter. E assim foi feito. Concerteza que se fosse hoje eu o faria de forma diferente mas, se calhar, nem por isso ficaria melhor.



 **clássicos Difamação**

A pós o sucesso do drama psicanalítico *A casa encantada* (1945), David O. Selznick resolveu voltar a reunir Alfred Hitchcock, Ingrid Bergman e o argumentista Bem Hecht. Depois de algumas “voltas” a produção de *Difamação* acabou por ficar nas mãos de Hitchcock e se o filme é uma obra tão estupefata, a ele se deve. Perto do fim da 2ª Grande Guerra, o espião Devlin (Cary Grant) recruta Alicia (Bergman), uma jovem amiga de festas, para a infiltrar num grupo de exilados nazis, na Argentina. Tendo-se apaixonado pelo homem que a arrebatou de uma vida inútil e desbragada, Alicia sofre ao julgar-se usada por Devlin. A suspeita reforça-se quando é acon-

selhada a casar, para bem dos Estados Unidos, com o fascista Alexander Sebastian (Claude Rains). Na sua luxuosa mansão, Alicia enfrentará o ódio da mais poderosa e maléfica nazi: a mãe de Sebastian (Leopoldine Konstantin). Durante uma festa, a protagonista aproveita para esquadrihar a adega do marido, onde encontra material suficiente para o fabrico de uma bomba atómica nazi. O marido encontra-a com ar suspeito e fica a pensar que Alicia lhe é infiel... Um drama sumptuoso.

Título original: Notorious
De: Alfred Hitchcock
Com: Cary Grant, Ingrid Bergman, Claude Rains e Leopoldine Konstantin
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1946, 101min

O frio convida ao recolhimento. E uma sala de espectáculos é sempre um bom sítio para passar um serão agradável. A companhia que lhe sugerimos é também do melhor que há...



Coliseu dos Recreios

Durante todo o mês

CONCERTOS

Em Fevereiro, o Coliseu de Lisboa estará recheado de grandes vozes. *Rodrigo Leão* e *Cinema Ensemble* iniciam o mês com um concerto imperdível, no dia 5. No dia 8, é a vez dos *Skunk Anansie* e, no dia 14, os *The Script* convidam a uma noite diferente para celebrar o S. Valentim. Dia 17 tocam os *Sum 41*.



Camané e Carlos do Carmo

Entre os dias 3 e 13, no São Luiz

FADO

Em quatro noites (entre 3 e 6), Camané vai construir quatro concertos únicos. O ponto de partida será o seu mais recente álbum de originais, percorrendo o repertório poético do fado, num reconhecimento às vozes desta e de outras formas musicais. Já Carlos do Carmo fará a devida homenagem aos músicos, alicerces da sua carreira, numa viagem pelos temas da sua vida (entre 10 e 13).



You taste like a song, novo disco de Júlio Resende Trio

Dia 18, às 21h30, na Culturgest

JAZZ

Um jazz de forte pendor lírico e ao mesmo tempo actual, como o de Júlio Resende, pede um grande envolvimento dos músicos. Com este novo disco, um dos mais notáveis pianistas do jazz nacional, junta-se a Bernardo Sassetti, Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva, para cumprir um dos maiores desafios de qualquer pianista, o trio piano-contrabaixo-bateria. A não perder.



Gardenia

Dias 18 e 19, às 21h, no CCB

DANÇA

Baseado num conceito de Vanessa van Durme, com direcção de Alain Platel e Frank van Laecke, esta performance remete para a esperança e as ilusões. *Gardenia*, que não é uma obra de ficção, é uma entrada na vida turbulenta de nove pessoas, cada uma com uma história intrigante. Nas suas mentes ecoam os sons do passado e vislumbram-se dúvidas sobre o futuro. O que as move é a vontade de sobreviver.



Concertos e Óperas em Fevereiro

por António Cabral

Neste mês atenção à compositora Sofia Gubaidulina no CCB

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

10/2 às 21 horas e 11/2 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian sob a direcção do cotado maestro espanhol Josep Pons, num concerto franco-argentino: Ginastera (Danzas de Estancia, Op. 8ª), Astor Piazzola (concerto para bandoneón), Edgard Varèse (Intégrales) e Claude Debussy (La Mer)

15/2 às 19 horas (Grande Auditório)

Vem mais uma vez a Portugal o pianista russo Boris Berezovsky. O programa ainda não é conhecido mas não erraremos muito se incluir compositores do período romântico e compositores russos (românticos ou não). A qualidade do desempenho é sempre garantida.

17/2 às 21 horas e 18/2 às 19 horas (Grande Auditório)

Concerto para piano nº27, K595 de Mozart e Sinfonia nº 3 (1889) de Bruckner 24/2 às 21 horas e 25/2 às 19 horas (Grande Auditório)

Canções de um Viandante de Mahler e Sinfonia nº 11, Op. 103 (O Ano de 1905) de Chostakovitch. Dois pares de concertos com a Orquestra Gulbenkian e maestros diferentes: Christian Zacharias (também ao piano) e Yakov Kreisberg. No segundo par de concertos também o Barítono Geog Nigl.

CENTRO CULTURAL DE BELEM

5/2 e 9/2, ambos às 21 horas na Sala Eduardo Prado Coelho e 6/2 às 17 horas e 12/2 às 21 horas no Grande Auditório

Ciclo de concertos de homenagem ao (na minha opinião) maior compositor russo vivo: Sofia Gubaidulina (1931) (é uma mulher,



de facto!). Os dois concertos da sala Prado Coelho são de música de câmara dos quais aconselhamos o do dia 9 em que Gubaidulina estará também como interprete. Dos do Grande Auditório é o de encerramento o mais importante. Tem a colaboração da Orquestra Metropolitana de Lisboa, do maestro Mikhail Agrest (interprete do agrado da compositora) e do pianista Filipe Pinto-Ribeiro que interpreta o concerto para piano e orquestra da compositora.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

10, 15, 17, e 19/2 às 20 horas e 13/2 às 16 horas

GIANNI SCHICCHI, ópera em um acto (do Triptico) de Giacomo Puccini. É uma obra-prima mundial da ópera Bufo.

BLUE MONDAY, ópera em um acto de Ger-shwin. É uma "jazz ópera" ou "uma ópera à maneira afro-americana".

Orquestra Sinfónica Portuguesa sob a Dir. de Martin Andre. Interpretes estrangeiros (poucos) e portugueses (o que é mais barato). Dada a qualidade actual dos nossos cantores pode não ser negativo e começa a ser tempo de voltarmos a ter uma Companhia Nacional de Ópera.

ARTES

A história de Portugal contada através da história do cinema é a proposta da exposição organizada pela Cinemateca. Mas se é amante de banda desenhada, há outra sugestão de excelência.



Cinema em Portugal, os primeiros anos

Até 29 de Maio no Museu da Ciência da Universidade de Lisboa

Um projetor Lumière de finais do século XIX (um dos raros que existem no mundo) e um álbum com fotogramas, que os projecionistas contrabandeavam dos cinemas lisboetas, são algumas das preciosidades da exposição organizada pela Cinemateca Portuguesa. 300 objectos e documentos contam a história do cinema exibido em Portugal entre finais do século XIX e a década de 30. Em exposição estarão fotografias de actores, de rodagens de filmes, cartazes de cinema, câmaras de filmar, projectores, exemplares de revistas ou uma réplica de um kinetoscópio de Edison. Encontra-se também uma réplica de uma sala de cinema de 1920, na qual serão exibidos filmes mudos portugueses, desde «Os crimes de Diogo Alves» (1911), de João Tavares, até «Douro, Faina Fluvial» (1931), de Manoel de Oliveira. Na mostra haverá ainda documentos que remontam aos primórdios do merchandising do cinema e uma reconstrução de um estúdio de cinema daquela época.

Tinta nos nervos Banda Desenhada Portuguesa

Até 27 de Março no Museu Berardo

A banda desenhada é sobretudo conhecida como uma linguagem de entretenimento de massas, afecta ao público infanto-juvenil, sendo muito difícil que alguém não conheça as muitas personagens famosas que compõem essa paisagem cultural. No entanto, tal como em quase todos os outros campos artísticos, a banda desenhada também tem um número de autores que a procuram empregar como um meio de expressão mais pessoal, ou uma disciplina artística aberta a experimentações várias, informadas pelos discursos contemporâneos.

Esta exposição visa dar uma perspectiva ampla da criação da banda desenhada portuguesa, procurando o encontro com novos públicos diversificados e expandindo a percepção social desta linguagem.



DAVID LUGRANO

TEATRO

Luís Miguel Cintra e Gonçalo Waddington são dois encenadores com provas dadas no teatro nacional. As peças que agora apresentam são mais duas obras que merecem o nosso destaque.



A Cacatua Verde

A acção desta peça situa-se na noite de 13 de Julho de 1789, em Paris. Numa cave dos arredores da cidade, um velho director de uma companhia de teatro abre uma taberna, onde a sua própria companhia cria a ilusão de uma taberna de gente de mau porte, ladrões, pedintes e prostitutas, possibilitando aos nobres que a visitam a sensação do contacto com o povo. A situação complica-se quando, na noite da Revolução Francesa, a violência da realidade faz esquecer o processo de ilusão e um dos actores assassina um duque. Seja a razão do crime verdade ou ficção, ele acontece, mas a realidade da revolução faz com que o acto se torne heróico. A profunda ironia e tensão, próprias da obra de Schnitzler, tocam a noção de responsabilidade política, e é com elegância que o autor desenha um teatro de sombras da própria revolução...

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: Entre €7,50 e €30

Data: De 17 de Fevereiro a 27 de Março (4.ª a Sáb. às 21h30 Dom. às 16h)

Encenação: Luis Miguel Cintra

Interpretação: João Grosso, Duarte Guimarães, Vítor d'Andrade, José Manuel Mendes, Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto, Dinis Gomes, Ricardo Aibéo, Tiago Matias, Miguel Melo, Gonçalo Amorim, José Airosa, Sofia Marques e Rita Loureiro



JOSÉ PEDRO SOUSA-TANNATION

Rosmersholm

Escrita em 1886 e considerada uma das obras-primas do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, *Rosmersholm* é apresentada num ambiente cénico contemporâneo, que faz uso das novas tecnologias. A acção da peça decorre numa velha casa senhorial onde vive Johannes Rosmer, antigo pároco que renunciou ao cargo após o suicídio da mulher. Os seus crescentes ideais liberais tornam-no objecto de suspeição entre a comunidade, que também reprova a sua aproximação a Rebekka, antiga companheira da sua falecida mulher. Enquanto a relação entre estas duas personagens se aprofunda, o seu isolamento face à comunidade aumenta, e pressões morais, políticas e sociais irão ditar o seu destino.

CCB

Preço: €10 + descontos habituais

Data: Dias 10, 11 e 12 de Fevereiro às 21h e dia 13 de Fevereiro, às 16h

Encenação: Gonçalo Waddington

Interpretação: Gonçalo Waddington, Carla Maciel, Pedro Lacerda, Peter Michael, Flávia Gusmão e João Lagarto

LÁFORA

Se programou férias de inverno no estrangeiro aqui ficam algumas sugestões de exposições patentes aqui bem perto, em Londres, Paris e Madrid.



British Museum, Londres

De Picasso a Julie Mehretu

Até 25 de Abril

O British Musum tem uma colecção inigualável de arte gráfica de todo o mundo, com obras modernas e contemporâneas, colecionadas ao longo dos últimos 35 anos. Esta exposição apresenta muitos dos grandes artistas do século XX, começando com o estudo de Picasso da sua obra Les Demoiselles d'Avignon, a pintura que abalou o mundo da arte em 1907. Contempla ainda obras de El Kirchner, Otto Dix, Matisse, David Smith, Bourgeois, Kiefer, Gerhar Richter e William Kentridge.

Louvre, Paris

Esculturas de Franz Xaver Messerschmidt (1736-1783) e Tony Cragg

Até 25 de Abril

Por ocasião da primeira retrospectiva do escultor alemão Franz Xaver Messerschmidt, dedicada à escultura monumental francesa, o Louvre apresenta um conjunto de esculturas do artista britânico Tony Cragg.



Palacio de Velázquez, Madrid

Jean-Luc Mylayne "Traços do século, mãos do tempo"

Até 4 de Abril

Durante 30 anos Jean-Luc Mylayne dedicou-se estritamente a fotografar pássaros. As suas imagens a cores de grande formato apresentam as aves no seu habitat natural, geralmente em zonas rurais, terrenos agrícolas ou florestas, lugares pouco habitados por seres humanos. Improvisação e espontaneidade parecem ser condições prévias à "caça das presas". No entanto, a sua abordagem é exactamente o oposto. Estas fotografias são totalmente teatrais...

PORTO

Este mês de fevereiro, devemos seguir os conselhos do Rui Veloso e ir ao teatro Rivoli! Mas há mais no Porto. Eis as propostas de Maria João Duarte

A Cinema Novo CRL, organizadora do "Fantasporto", vai organizar no RIVOLI, uma dúzia de espectáculos (12,5 € a 25€) MÚSICA: MÃO MORTA, banda de Adolfo Luxuria Canibal (3), MIN DA GAP, Hip Hop português com "A Essência" (4), TERATRON, espectáculo "As Cobiaias" multimédia projecto de J.Nobre e P.Quaresma com o actor Miguel Guilherme e os músicos New Max e A.L.Canibal" (5), MAFALDA VEIGA (8), MARIA JOÃO com "Ogre" (10), MOONSPELL, hard rock português, com "Sombra" (14), CAMANÉ (16) e JOSÉ MÁRIO BRANCO(18). HUMOR com HERMAN JOSÉ a solo (7). STAND UP COMEDY com FRANCISCO MENEZES, artista musical (11) e QUIM ROSCAS e ZECA ESTACIONÁRIO, interpretação de J. P. Rodrigues e Pedro Alves (12). TEATRO com "ASSÉDIO-Associação de Ideias Obscuras" e a peça "Produto" de Mark Ravenhill (4 a 19)

Teatro

TEATRO MARIONETAS DO PORTO: 'Frágil', encenação e cenografia J. P. Seara Cardoso (até 6) **TERTÚLIA CASTELENSE, Maia:** 'Alforrecas Sociais' by Palmilha Dentada (até 16) **COLISEU:** "Apanhados na rede" comédia de Ray Cooney, encenada por António Feio e Fernando Gomes (24 A 26) "Gormiti" (5 Mar) **TEATRO HELENA SÁ E COSTA** - "Beckett - o quê onde" - Teatro Plástico (5 a 13)

E ainda...

EXPOSIÇÕES: "Prémio Estação Imagem" no Centro P. Fotografia. **LEITURA:** Auditório do Teatro do Campo Alegre: "E livrai-nos do mel", escolhas poéticas de Rui Reininho (24) **NOVAS TECNOLOGIAS E MÚSICA** (Casa da Música): "Orquestra de i-Phones" (12) "Hand-made Music Digitópia", a partir do seu blogue sobre música digital o nova-iorquino Peter Kirn começou a organizar reuniões com pessoas que tivessem os seus próprios instrumentos musicais criados por processos artesanais ou por software (até 11 JUN ,ent. livre) **O MEU MERCEDES É MAIOR QUE O TEU**, pequeno espaço com decoração rústica, na Viela da Ribeira, R. da Lada-30 que tem frequentemente concertos ao vivo: "L' Enfance Rouge" (4)



Música

TEATRO HELENA SÁ E COSTA: Orquestra Sinfónica da Esmae (25 e 26). **METAL-POINT:** Spellcraft + Nefastt + Marthyrium + Myrkvind + Urna (4) **Infernal Kingdom + Eterna Penumbra + Infernus + Wargoatcult + Imperivm** (5) **HARD CLUB:** Nashville Pussy + Sons of Misfortune (10) **The Dixie Boys** (12) **Hurts** (15) **Sum 41** (19) **Monotonix + Larkin + The Glockenwise** (26). **COLISEU:** Skunk Anansie + The Virginmarys (7 e 8), Rigoletto, ópera em 3 actos de Verdi com o Teatro Nacional de Ópera da Moldávia (15) **Concertos Promenade:** Amor de Perdição de J. Arroio (20). **ARMAZÉM DO CHÁ:** Mudlow (11). **CASA DA MÚSICA:** "O que é Rock?" (5); "Alexandre Guimarães", fado (8); "Mahler no Paraíso" (12); "Nocturnos" de C. Ives, J. Adams, J. Sibelius (18); "Concerto de câmara para violoncelo e 10 instrumentos" (22) "Daniel Levin Quartet", jazz (24) "Danças Sinfónicas" de Béla Bartók, E. Grieg, Z. Kodály e Dvorák (25) "A Diva Mu" espectáculo concerto para se ouvir, ver e saborear em família (27)

Mais dois artigos de opinião com propostas a considerar. Maria do Carmo Vieira sugere um grande filme e João Coelho apresenta-nos um álbum musical inesquecível.

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Steven Soderberg

Sexo, Mentiras e Vídeo

Sexo, mentiras e vídeo', realizado por Steven Soderberg, em 1989, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes, e é um daqueles filmes que não nos deixa indiferentes: não pela temática escaldante que possa estar implícita no título, mas por realmente se falar de sexo e da abordagem ao tema, feita por duas mulheres, com personalidades completamente distintas.

Retrata-nos uma recatada e insatisfeita dona de casa, Ann (Andie McDowell), sujeita a esta condição por vontade de seu marido (Peter Gallagher), um advogado com a carreira em ascensão, mentiroso por vocação e que tem um caso tórrido com a sua cunhada, a extrovertida e independente Cynthia (Laura San Giacomo), irmã mais nova de Ann.

Nas primeiras cenas do filme, Ann vai falando ao seu terapeuta sobre a sua obsessão com a produção de lixo, sendo o tema da conversa tacitamente desviado para a sua relação pouco íntima com o marido e para o sentimento de repulsa que ultimamente sente ao ser tocada por ele, assim como o seu desconforto em falar sobre sexo.

Tudo muda na vida de Ann com a chegada de um ex-colega de faculdade do marido, Graham (James Spader), que possui um estranho fetiche de entrevistar e filmar mulheres a falar sobre as suas experiências sexuais. Ann descobre em Graham o oposto do marido: é um homem impotente, sincero e sensível, com quem ela consegue abertamente falar da sua intimidade, manifestando-lhe o seu pouco interesse por sexo. Sente-se traída por ele, mas fica perturbada ao encontrar as cassetes de vídeo e perceber o seu conteúdo. Ao contrário de Ann, Cynthia, ao saber pela irmã da existência das cassetes, vai visitar Graham, acabando por, também ela, ser entrevistada, expondo a sua intimidade a um tal nível que chocou Ann, ao contar-lhe o sucedido.

Não vou desvendar as cenas que se seguem, pois isso seria desvirtuar o desfecho deste enredo. Recomendo sim que assistam a este filme independente, de baixo orçamento, mas sensível e intimista, que nos deixa intuir o destino de cada uma das quatro personagens centrais, culminando na inevitabilidade de uma espécie de moral, subjacente ao desfecho, em que, no final, vence a sinceridade e a virtude, em detrimento da mentira e imoralidade.

Ann revela-se e revolta-se, assumindo: "A minha vida é uma merda! Não é nada como a tinha imaginado!". Será este o mote que vai lançar os dados e definir o caminho traçado para cada personagem desta história.

Título original: Sex, lies and videotapes

De: Steven Soderberg
Com: Andie McDowell, Peter Gallagher e Laura San Giacomo
Género: Drama
País/ano: EUA, 1989

Um álbum da minha vida

JOÃO COELHO



Radiohead

OK Computer

A primeira vez que ouvi o terceiro álbum de originais de Radiohead, "OK Computer" (1997), não me tocou, tendo mesmo odiado no início, embora tenha continuado a andar. É um álbum que é necessário ouvir repetidas vezes, em que a cada repetição fica cada vez mais entranhado com a sofisticação e evolução que trouxe. Há quem o classifique como o novo "Dark Side of the Moon", instrumentação densa, texturas que nunca parecem saturadas, conduzidas por um baterista com completo sentido da existência da música que se está a criar. A voz de Thom Yorke pode mexer com os nervos de algumas pessoas, atingindo por vezes falsetes que se confundem com a neblina criada pela música, erguendo-se no entanto como de uma situação inesperada/inspirada com final feliz. Com dois guitarristas que sabem mais do que o papel a desempenhar e com um baixista que quase consideraria como perfeito no encaixe e admirável precisão que consegue trazer a todas as músicas.

Ninguém fica indiferente a este álbum capaz de suscitar repugnância, admiração, amor e ódio. Com letras absolutamente admiráveis, algumas de intervenção política, este álbum pode ser entendido como uma única peça. É deprimente mas também delicado, apaziguador mas também caótico. É difícil de descrever. É uma jornada de quase uma hora, que mexe com a alma, com o ser humano e no fim nos deixa perplexos e completamente extasiados.

Já se passou mais de uma década e a influência de "OK Computer" continua ser ouvida em muitos álbuns de todos géneros de música, o distúrbio, os loops electrónicos e a paranóia.

É um álbum que desde o início até ao fim é brilhante, com princípios de um livro de auto-ajuda, "Fitter Happier" que nos introduz pelo desterro, pela mente dos seus criadores, e nos abre uma segunda parte desta obra, onde somos conduzidos pelas mágoas e pensamentos de alguém que só e apenas está focado em evoluir como banda e que jamais se preocupa com a crítica.

Se ainda não ouvirem este álbum, ouçam, independentemente do vosso género de música preferido, este é um álbum obrigatório de ouvir. Uma das melhores bandas dos tempos recentes, que atravessam um dos melhores momentos, mostrando brilhantismo musical, lírico e criativo, onde se juntam cinco pré-destinados ao sucesso de uma arte para muitos, valiosa.





B
BETAR

35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. MANUEL TAÍNHA**

**CARLTON PALACE EM LISBOA
E O POLITÉCNICO DE TOMAR**

